

Publica-se todos os domingos.

**Assignaturas pagas
adiantadas.**

Côrte e Nitheroy.

Anno.	15\$000
Semestre	8\$000
Trimestre	5\$000

A redacção deste jornal recebe artigos e desenhos que lhe sejam enviados, os quaes não serão entregues quando mesmo não sejam publicados, ficando toda a responsabilidade a cargo da redacção; para esse fim as pessoas que nos queirão honrar com tal remessa, dignem-se remettel-a ao escriptorio da redacção até as quatro horas da tarde.



Interdum vocem Merrimac tollit.

O MERRIMAC.

Lith de J Riscado R. do Sôr. dos Passos 91. Rio de Janeiro

Jornal critico e humorístico.

**Escriptorio da redacção
rua da Assembléa 34.**

Provincias.

Anno.	17\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	6\$000

Qualquer reclamação ou exigencia da parte dos nossos assignantes será immediatamente satisfeita.

As assignaturas podem começar em qualquer época, acabando porém sempre no fim dos competentes trimestres.

Os Srs. assignantes que queirão satisfazer suas assignaturas, o podem fazer no escriptorio da redacção.



Meu filho recebe as minhas bençãos. Congratulo-me de o ver nesta casa, aqui é o asylo tranquillo onde a vida corre mansamente, sem os reboliços...
(Não foi possível ao tachigrapho do Merrimac ouvir o resto do exordio, mas o que poudo colligir foi que a vitalicia põem sempre agua na ferrura.)

Types perigosos.

X. PEQUENO.

(Continuação do n. 10.)

VI.

Havíamos deixado de escrever a continuação da historia do nosso elegante typo X. por isso que fomos acommettidos de uma indisposição passageira, como já tivemos a honra de participar a illustre Redacção deste incansavel *Merrimac*.

Foi entretanto X. pequeno interrompido pela sua amiga M. C. esse typo que mereceu um exordio tão apaixonado e tão longo do elegante escriptor cujo pseudonimo é Cabrion Junior.

Agora não será X. preterido por outro qualquer typo e mostraremos aos nossos benevolos leitores a sua historia até a epocha actual.

Deixando pois de parte todos o proemios e exordios, que neste caso erão indispensaveis continuemos.

X. havia-se enamorado até ao escandalo de Augusto das Neves, o qual retribuia-lhe esse galanteio do momento com a mais sincera e divinal paixão.

Nada faltou a Augusto que não sacrificasse a esse amor; fortuna, e dignidade, tudo quanto havia de nobre em sua alma, tudo quanto havia de sincero em seu coração, tudo offereceu em helocausto a aquelle idolo de marmore!

Vivendo n'aquella chacara, já conhecida dos leitores, onde tanto custou a Augusto a introdução do seu bilhete amoroso, conservava-se X. como que escondida aos olhos do mundo. Tal era a vontade e ordens do seu zeloso Macacuano.

Francisco d'Almeida era o nome desse homem cujo principio foi pedir para os santos e para as almas, e que hoje era possuidor de uma elegante chacara onde tinha o objecto de sua vigílias, o idolo de suas adoracoes, finalmente a alma, para qual pedia nos tempos de então.

Em peores epochas havia Francisco d'Almeida ajuntado a custa de pequenos sacrificios uns dous contos de réis e com os quaes em breve se tornaria senhor de uma fortuna regular, ganha no hotel de Andarahy e mais tarde em sua proprio casa á rua de S. Jorge, á mesa do jogo.

Graças a agilidades de seus dedos rombudos e roliços desliza-se por elles a carta que procurava recuar e com tal arte que os olhos os mais vivos e quiza prevenidos nada poderiam observar.

Parecia incrível ver como o nosso Macacuano fazia *sauter la coupe* com a destreza do raio!

Graças finalmente a um *barato* que tirava dos seus compa-
nheiros a titulo de pagar as vellas e as despesas da noite Francisco d'Almeida chegou até a gosar da protecção do nosso commercio por isso que já tinha com que negociar.

Explicada pois a maneira porque o nosso pedinte tornou-se independente, deixe-mol-o por um instante, e vamos ter com Augusto das Neves.

A sombra de uma frondosa arvore do Passeio Publico, dizemos frondosa arvore porque na verdade as havião nesse tempo, ainda o machado *arboracimio* do Fialho não tinha tão barba-
ramento devastado aquelle pequeno bosque de outr'ora.

A sombra pois das Mangueiras a esquerda, serião 11 horas do dia, achava-se Augusto, e a seu lado um negrinho relinto e experto.

— Sim senhor! Ella disse-me que basta que o Sr. Augusto bata duas pancadas, estará a alerta, e com muita attenção.

— Não marcou as horas?

— A 1 hora da noite.

— Pois bem, não faltarei.

— Eu sou quem lhe hade abrir o portão e nhônô não tenha susto, fie-se no seu Ricardo, um escravo de meu senhor.

O moleque havia feito uma cortesia que fazia recordar o mais capriço dandy n'uma quadrilha de lanceiros.

Tal mizura e o tom de convicção com que disse—fie-se no seu Ricardo—, inspirou tambem firme convicção á Augusto que insinuou-lhe na mão uma nota dez mil réis cuidadosamente dobrada.

Havia Augusto ganho por tão pouco um devotado amigo, esse *demonio familiar* capaz de facilitar as mais perigosas conquistas.

Ricardo depois de saudar o moço retirou-se cantarolando a polka.

D. CLARA.

(Continúa.)

Dos nomes dos racionais.

Está em uso na actual época das *luzes* o desprezar os nomes triviaes e communs, para os supprir por nomes harmoniosos e pomposos; porque como já dice, actualmente é indispensavel que o nome do individuo esteja em harmonia com a sua posição social.

A civilisação tem feito mudar os costumes e usos.

A aristocracia moderna é tirada d'um novo calendario; porque sahida na maior parte dos *grandes patrões*, quasi sempre os barões da época, são: *Thomés, Custodios, Manueis* e etc.

Os portuguezes fizeram tão immoderado uso dos nomes de *Antonio, José, João, Joaquim, Francisco, Luiz* e *Manoel*, que parecia que o *Flos Santorum* não tinha mais do que esses illustres e venerandos patronos.

Os francezes, pelo contrario, esgotarão o calendario catholico e soccorrerão-se do calendario republicano, que não continha senão nomes de plantas, legumes e instrumentos aratorios. Esse uso, porém, cessou em 1802, pois que dahi para cá só foi permittido empregar os nomes mencionados nos calendarios ou na historia; mas dão ainda alguns nomes femininos a pessoas do sexo masculino, e assim encontrão-se em França muitas *Marias* de calças.

Entre nós não ha esse costume; apenas os homens usão do nome de *Maria* como sobrenome, chamando-se *Jose Maria*, etc.; mas em represalia tambem as mulheres se intitulão de *Marias Josés*, etc. Melhor fôra que os homens se chamassem *Josés Marianos* e as senhoras *Marias Josephas*; o mais é costume anachronico, que deve ser banido da nomenclatura humana, logo que os legisladores se dignem nos dar um codi-
go que estabeleça regras sobre assumpto tão transcendente, ou, como elles dizem, tão *palpitaute*!

Mas voltemos ao dilema com que nomeião hoje a aristocracia.

Os titulares de hoje tem mais foros que os d'outrora; junta á regalia do titulo, tem mais a garantia de poderem augmentar, transformar e até mesmo mudar o nome.

E assim muito João Manoel, passa a ser o Sr. Manoel João de Aguiar Figueredo, barão de tal, etc.

Mudarão-se os tempos.

Com o constitucionalismo de idéas veio a liberdade ampla d'accões.

Felizes épocas!

Não ha entre nós, mesmo com o auxilio das tão estudadas leis meiods razoaveis e rectos para impedir uma liberdade tão mal entendida na mudança de nomes; quando o nome é ou deve ser a garantia, a immutavel propriedade do individuo, e o seu escudo na sociedade contra as calumnias, que possam enebriar sua honra.

A razão por que os appellidos patronimicos forão antigamente tão estimados, diz um escriptor portuguez, é porque desde tempos immemoriaes não se conhecia maior gráo de nobreza do que poder dizer cada um quem era seu pai. E ninguém pense que isto é pouca cousa; quem tiver profundo conhecimento da historia romana achará que, precisamente na extensão deste privilegio a todos os cidadãos de Roma, é que anda escondida a causa primaria da ruina daquella grande republica, como muito bem admittiu o famoso auctor *Della Scienza Nuova*, que já ninguém hoje lê, porque escreveu ha cem annos.

Em pouca consideração se tomão hoje os nomes de familia e appellidos.

Ha mesmo individuos que se separão da linha de seus antepassados pelo augmento ou diminuição d'uma.

Alguns conheci eu lá do outro lado do oceano, que aqui vim encontrar, talvez por ser n'um outro paiz, com um nome differente do que herdára da familia pobre, mas honrada.

Ha por ahí muita gente que usa de tres nomes sobrepostos—e assim conheço muitos—João José Thiago, Joaquim Manoel Francisco, Antonio José Henrique e Joaquim José Ignacio.

Pelo contrario outro supprem por um batalhão de *appellidos*.

N'alguns é tão grande a nomenclatura, que é difficil conservar na memoria todo o seu nome.

Se o valor do individuo estivesse na grandeza de seu nome, creio que teriamos mais delicadas posições, entes a *demi* irracionais.

No continuo volver das épocas é de esperar que este uso totalmente se transforme.

Resulta desta liberdade uma completa anarchia, o nome e o appellido deixão de ser uma herança.

E' bem entendido aqui o dictado de que presumpção e agua benta cada um toma a que quer.

(Continua.)

Migalhas.

★ ★

Eu quizera, disse um deputado geral a um seu intimo amigo tambem deputado, fazer um discurso totalmente original,

Nada mais facil retorquiu o outro; Falla do ministerio actual

★ ★

Não entendo nada de politica, e no entanto sou deputado! Heide estudal-a porém queria um methodo bom, um caminho facil para aprende-la dizia este pai da patria.

Não ha estrada real em politica; Disse-lhe um membro do ministerio.

★ ★

Oh! meu caro amigo! Como vais dos teus achaques? Já compraste uma *bisnaga* do Mal das Vinhas? Vejo-o com os bolços tão cheios!

Não, meu amigo. Isto é o relatorio do ministerio da fazenda. E faz o mesmo effeito que a *bisnaga*? Creio que todo o Ministerio carece d'ella.

★ ★

O Dr. França escreveu uma comedia intitulada — Os Inglezes na costa — que attinge verdadeiramente o seu fim; prenhez de espirito, faz rir, e instrue aos incautos.

Representada com intelligencia pela companhia do Gymnasio a comedia tem sobresahido e é hoje a que mais barulho tem feito no mundo do palco.

Os Srs. Graça e Vasques tornão-se dignos de elogios e merecem o verdadeiro nome de artistas, porque na verdade o são. Seja isto dito *per accidens*.

— Vim ver — Os Inglezes na costa — porém ainda não vi o Christie. Dizia um servo de Deus ingenuo como elle mesmo, a um seu amigo do mesmo *theor e forma*.

— Pois então querias ver Christo aqui mettido com os endiabrados estudantes.

— Não homem, fallo dos Inglezes, o ministro Christie e....

— Pois Christo já foi ministro? Ah! por isso o crucificarão!

O dialogo foi interrompido por um estudante de medicina que dizia a um outro seu collega fallando relativamente á comedia.

— E' gente a quem trato com o mais soberano desprezo, são os credores, nunca os procuro.

★ ★

Não ha por ahí quem não conheça o Graça actor habillissimo, e que tudo faz com graça ajudando-o um phisico engraçado.

Uma noite vinha elle da maçonaria, (o Graça tambem é maçon) depois de ter ahí baptisado um profano, entrou no Magina, botequim de sua predilecção, e com aquella voz de clarineta perguntava aos caixeiros:

— Temos por ahí champanhe?

Grande novidade o Graça pedir champanhe a meia noite, o que hiria acontecer!

Não deixou a pergunta de surprehender aos freguezes e caixeiros.

— Então temos champanhe rapazes?

— Temos sim senhor, responderão espavoridos.

— Então traga-me um copo com agua.

★ ★

Você ouviu cantar o Celestino?

E' um baritono....

— Qual baritono, eu o conheço é portuguez, e não sei porque motivo quer agora você mudar-lhe a nacionalidade.

★ ★

Uma franceza depois de cinco annos de residencia no Brazil, querendo explicar a sua criada, que era uma preta, a fragilidade de um par de vasos que acabava de receber da casa de Bernardo da Cunha na rua do Ouvidor 80 (sejaisto bem explicado porque serve de recommendação para o Bernardo).

Espressava-se a franceza nestes termos.

— *Tu vois Marie, tu toque c'est quebré.*

★ ★

Um dos nossos elegantes perfumados como uma loja de cabellereiro, dizia n'um circulo aristocratico, que se admirava muito que X tendo-se formado em medicina abandonasse a carreira medica, para se dedicar a litteratura.

— Por certo não serão os doentes que se queixarão disso. Respondeu-lhe uma travessa moreninha.

★ ★

Não ha por ahí quem não conheça o papai Biana, o protector de todos os homens, de todas as mulheres, finalmente de todas as empresas.

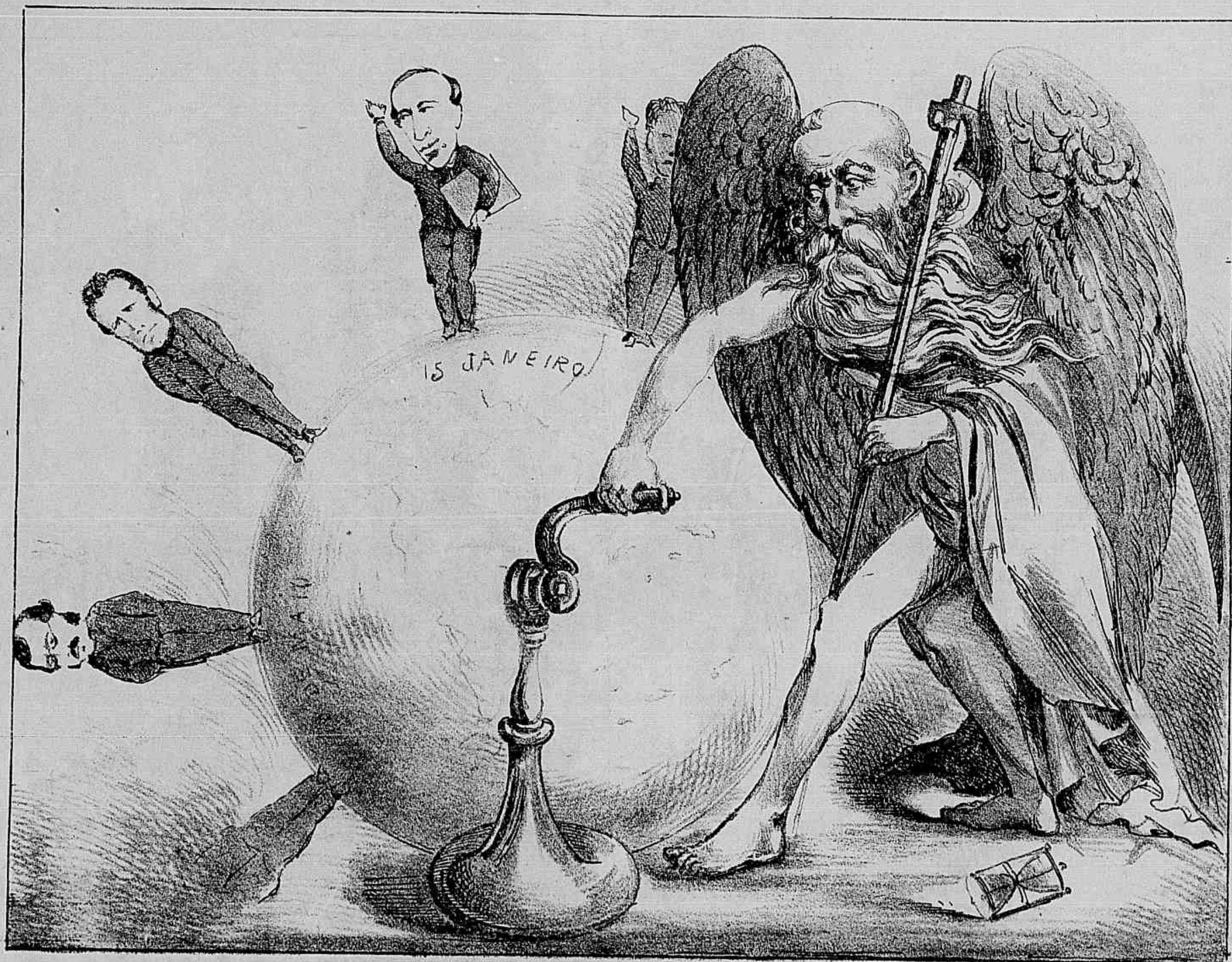
A maledicencia é a sua arma mais poderosa, procurando com ella tirar vantagens, e é por isso que tambem como grande peccador está sujeito a que a elle se faça o mesmo.

— Quem é este sujeito?

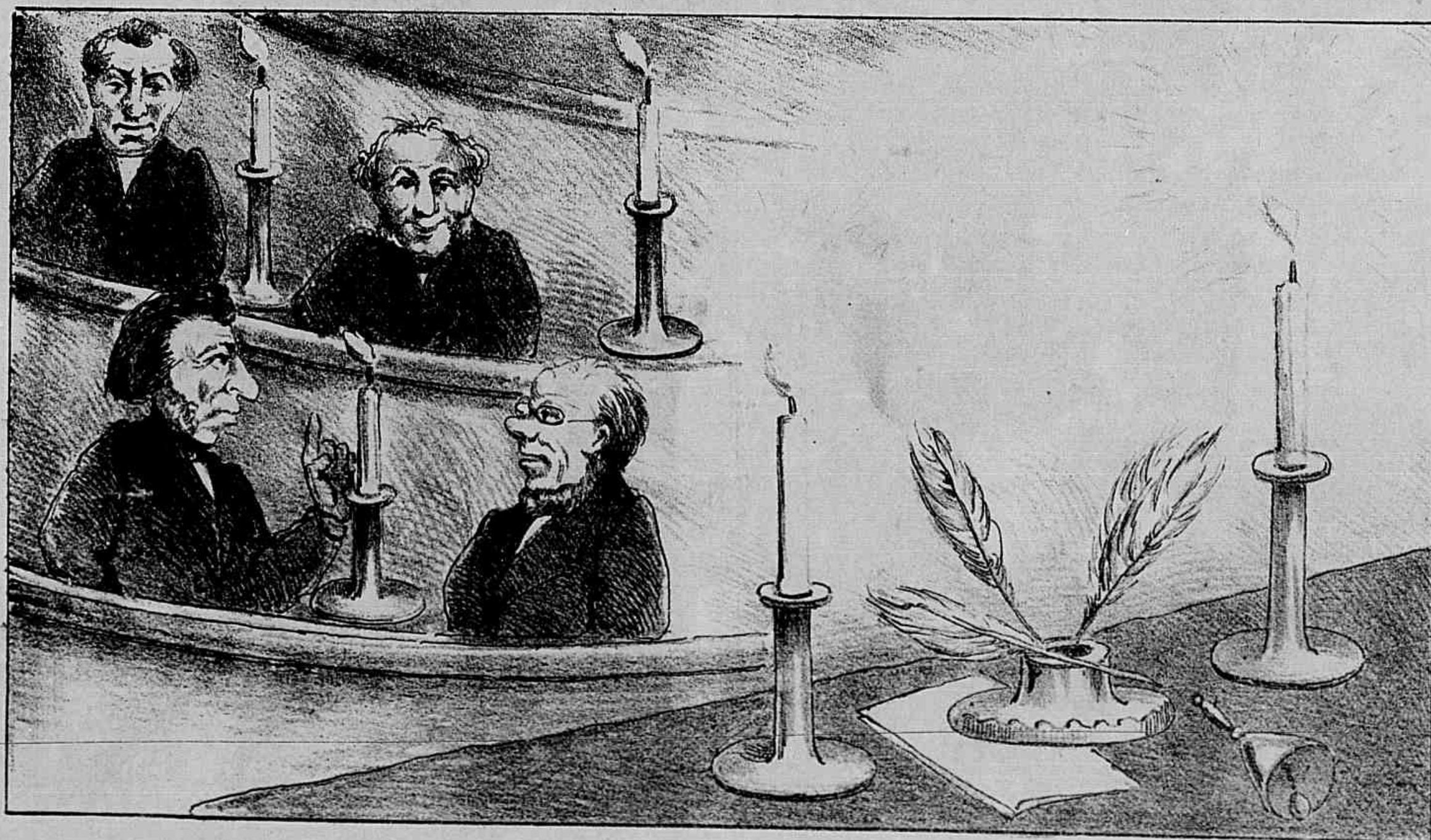
— Pois não conhece o Biana do Alcazar?

— O que é elle qual a sua occupação?

— E'.... é casado....



Os leitores são rogados a interpretar este desenho como bem lhes aprouver : quanto a nós, aguardamos as ordens do destino, representado por aquelle velho gaiteiro.



Falia-se que o Senado vai mudar as suas sessões para de noite, ainda bem, d'esta maneira não faltarão luzes para as discussões.



As senhoras, usarão as cinturas debaixo dos braços...



Os homens um pouco mais abaixo

EFFEITOS DA CHUVA.



As últimas chuvas obrigarão certas pessoas a se emborracharem logo pela manhã.



Passagem do Hellesponte.
Toma cuidado paisinho!
Não tem medo, meu sinhó eu tá costumado a carregar tigres.

SCENAS SOCIAES.

APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICO
HYBRIDOS, ETC.

Pretensões a Revista.

A melhor, a mais cathgorica e a mais terminante maneira de se desculpar para com o publico de não haver assumpto para uma chronica semanal, é dizer sempre alguma cousa, e se fôr destas *cousas* de amor então ainda será mais satisfatorio.

Para porém dizer a verdade é indispensavel que declare que é justamente em historias de amor no que sou menos entendido.

Não goso da preferencia das bellas, não cuidem agora que é porque seja feio, mas como sabem que ellas só gostão dos tolos, eu não me conto nesse numero.

Ora concebe-se que, em relação ao sexo, com franqueza nada posso dizer.

Um de meus amigos, que tinha na maior consideração o bello sexo, acaba de me declarar que mudou de opinião depois de seu casamento.

Em vista de tal, e do mais que consta nos autos, tenho entendido estudar pouco da materia.

Os poetas do nosso seculo, que cantão e elevão a mulher em prosa e em verso, tem talvez seus motivos de lhes quererem tanto bem, porque até mesmo creio que para a poesia é preciso um coração feminino; como porém não sou poeta, talvez seja essa a minha falta.

O que ninguem me fará acreditar é que as mulheres não gostão dos tolos, porque para esse debate, tenho provas irreparraveis.

Não toma este meu pensamento as proporções de odios, lá isso não, não partilho as expressões do poeta hespanhol: que diz:

Es la mujer confusion,
Es batalla perdurable,
Es un espid incansable,
Es cola de un escorpion,
Es naufragio del varon,

Es un sepulcro dorado,
Es un continuo cuidado,
Es la carga mas pesada,
Es la muerte transformada,
Y es el antro del pecado,

Parece-me demasiado severo um tal pensamento, seja porém como fôr, o cazo é que o homem de espirito, está condemnado a não receber as finezas e caricias, que só os tolos conseguem.

Mas eu sei a razão; ha entre nós, porque já se vê que me considero como homem de espirito; ha entre nós, repito palermas que se derretem todos apenas vem uma mulher, fazendo mil elogios, dando bonitos presentes, e cantando-lhes, poesias amorozas.

Qual é o resultado? é que a mulher começa a enfadar-se e prefere o tolo que lhe conhece as baldas e os fracos, e ella procura agradar-lhe, para que elle as oculte.

O que disse o nosso Bocage é uma verdade:

Leitores ha mulher tão dextra e tão velhaca,
Que nisso lhe não ganha ainda a mulher macaca.

Mas veio tudo isto a proposito de querer eu demonstrar aos meus leitores que não tinha assumpto para a chronica da semana; e que tambem não era entendido em materia de amor, achando-me por esse motivo impossibilitado de poder occupar-lhes a attenção com um tal assumpto.

Provado pois que desconheça semelhante e tão natural assumpto passo a mudar de conversação.

Para conveniencia humanitaria tenho hoje a annunciar aos nossos assignantes, e ao publico em geral, que no laboratorio da rua da Carioca, não ha mais bisnagas.

Qualquer familia que se ache em grande necessidade deve fazer um pedido por escripto ao *Mal das Vinhas*.

No actual anno da graça começou o progresso scientifico cá no paiz por uma grande invenção.

A descoberta das seringas e das bisnagas hade sem duvida dar ao autor os fôros de pateta.

Estamos na quadra das invenções.

E' de suppor que breve se descubra o methodo de nos formar com uma seringa.

Em politica estamos em maré vasia, os pais da patria ainda não tem tratado do progresso da nação.

Nenhuma medida de conveniencia tem sido por elles apresentada.

Só se tem discutido o dicionario da lingua, e deste estudo concluiu-se ultimamente que a expressão, *um pido por um olho* não é termo parlamentar.

Abençoado presidente!

As noticias da politica lá de fóra são, para infelicidade do chronista, tambem de pouca importancia.

A primeira cabeça da Europa, está sempre mostrando, que nem sempre um grande depozito encerra quantidade de materia aproveitavel.

O homem de *boracha* depois de muito fallar a favor da liberdade, acaba por pedir a seus reaes irmãos, a permissão de formar um congresso para o fim de declarar que tudo quanto elle tem feito tem sido o favor da *liberdade*!

E que tal?

Submissos todos responderão que quando se soubesse o fim do congresso seriam promptos em obedecer o que quer dizer em bom portuguez que não estão resolvidos a obedecerem cegamente.

Eu com franqueza o que vejo em toda a barafunda politica lá do velho mundo, e que o bem estar dos povos é a circumstancia que merece menos aceitação.

Para provar o atrazo dos americanos, não ha muito tempo que se disse na camara franceza, que a sua barbaridade e ignorancia era a cauza de uma tão longa e escarniçada guerra.

Hoje é chegada a occasião de perguntarmos ao povo scientifico do velho mundo que idéa faz da Europa com a guerra da Polonia que já dura ha um anno e tanto.

Emfim seja como fôr a Europa está nos dando hoje um exemplo de pouco progresso.

Vamos ás novidades do nosso theatro, porque afinal de tudo são as circumstancias que mais podem interessar os nossos leitores.

Do Lyrico não ha noticia que possa interessar senão como já tenho dito, que uma companhia é esperada para nos prender attenção com as operas já conhecidas.

Quanto ao S. Pedro, esse é o que mais concorrido se acha hoje pela nossa sociedade.

Se é ou não bem merecida uma tal affluencia, deixo a outros a liberdade de o debaterem.

O Santo Antonio creio que vai bater em retirada, a menos que não haja novo pedido do *ilustrado publico*.

Devia ter lugar a ultima representação com o beneficio do Amoedo, porem depois teve a empreza de ascender mais uma vez ao pedido, como disse, ao publico.

O artista Amoedo a cujo beneficio assisti é decerto um artista de reconhecido merito.

Nada digo do seu papel no S. Antonio, porque o publico em demazia conhece o seu merito no typo de frade Antonio.

Porem não posso deixar de lhe tecer elogios pela execução da scena, dramatica composição do Sr. Dias Guimarães, que não só pelo merito do trabalho como pela excellente comprehensão que lhe deo o artista que a executou.

Só direi que o publico lhe deo o mais franco e cordial acolhimento, applaudindo-o em todas as interrupções.

O Senhor Dias Guimarães finalizou o spectaculo com a scena

comica de sua composição. — O Sr. Manoel Vieira assistindo a representação dos Milagres de Santo Antonio.

O assumpto não deixa de ser agradável e cheio de bonitas peripecias, só pecca porem em ser longa.

O artista Guimarães, que n'outros papeis tem tido feliz execução, não deve continuar na representação de scenas comicas, para as quaes não tem decidida vocação.

E' este o conselho d'um fraco entendedor.

No Gymnasio não ha novidade de vulto; a sociedade posto que com grandes sacrificios continúa, e tem agradado, por isso supponho que com mais algumas artistas, e escolhas de boas comedias surgirá para o theatro uma nova época de felicidade.

Vamos dizer duas palavras dos clubs francezes; porque é preciso que lhes annuncie que o Eldorado, posto que proximo a morrer tem ultimamente mostrado mais vida que o proprio Alcazar.

Tem havido realmente razão para que o publico frequente o Eldorado.

Agora que elle vai despedir-se é justamente quando se lhe reconhece o merito.

Mas o mundo é assim.

O Alcazar mandou vir ha sete mezes artistas de Paris, porém ainda não chegarão.

Consta até mesmo que não ha em Paris artistas que tenham confiança na empresa, não sei dizer a razão.

Presentemente o Alcazar não merece o 1.^o da entrada, é tudo quanto digo.

Até a semana.

Assembléa geral jornalésca.

SESSÃO DE ABERTURA EM 13 DE JANEIRO DE 1864.

Presidencia do Exm. Sr. Merrimac.

A's 11 1/2 horas verifica-se achar-se na casa os Srs. Dr. Semana, Bazar Volante, Patriota Burlesco, Jornal do Commercio, Diario, Mercantil, Actualidade, Constitucional, Monarchista, Jornal das familias, e o Espectador da America do Sul.

(As galerias ao contrario das galerias de outras camaras achão-se apinhadas de gente seria. Muitas senhoras achão-se sentadas entre os membros e com grande admiração de todos, reina profundo silencio na sala.)

O SR. PRESIDENTE. *(com gravidade)* Profundissimos, respeitabilissimos, e iminentissimos Srs. membros d'esta augusta camara... *(espirro)*.

ALGUNS MEMBROS. — Dominus tecum!

UMA VOZ. — Chave d'ego! *(grandes risadas nas galerias o 1.^o secretario reclama attenção)*.

O SR. PRESIDENTE. — Profundissimos, respeitabilissimos, e emminentissimos Srs. membros d'esta augusta Camara, a mais tempo teria manifestado o jubilo de que sempre m'acho possuido....

UMA VOZ. — Não é macho, é femea!! *(risadas)*.

O SR. PRESIDENTE. — todas as vezes que m'acho na vossa presença; se não fosse a falta de pontualidade que com razão desconhecida prova que ainda não a limpei do nosso recinto....

(grandes risadas nas galerias, o secretario reclama attenção e nesse interim o Sr. Presidente toma um sorvete).

O SR. PRESIDENTE. — Bem sei que n'uma estação calmosa como esta, torna-se difficil a conservação de uma bôa... *(tosse)* saúde. Entretanto cumpre-me observar-vos ou participar-vos que, uma grande descoberta veio juntar mais uma folha a já extraordinaria coroa de.... *(tosse)* louros do nosso incansavel irmão vinhateiro o Dr. Freitas.

As nossas bisnagas....

UMA VOZ. — Serve tambem para as crianças e para senhoras. *(Risada geral entre as senhoras)*.

O SR. PRESIDENTE. — as bisnagas de alem mar, vêm livrar a humanidade dos terriveis soffrimentos que têm

sido as desgraças de tantos casaes; e posso asseverar-vos, profundissimos membros, que a minha senhora mudou inteiramente de genio!

ALGUNS MEMBROS. — Oh!!

O SR. PRESIDENTE. — Tenho o prazer de annunciar-vos que durante o longo periodo de trez mezes, reinou serena e doce paz no nosso imperio.

Alguns conflictos insignificantes que não são mais do que pequenas *fructas do tempo*, forão os unicos factos que occorrerão e que já devem ter chegado ao vosso conhecimento.

Consegui fazer chegar pela via de minha pessoa, pelo meu poderoso influxo, ao conhecimento das authoridades competentes certas medidas reformadoras que derão em resultado excellentes e salutaes beneficos.

(entrão os Srs. Bacanga e Garcia, depositão seus requerimentos sobre a mesa e retirão-se).

O SR. PRESIDENTE. — Nada mais me resta pois, do que agradecer-vos o poderoso apoio que prestastes na ardua tarefa que encetamos de guiar o destino do paiz... *(Todos os membros e espectadoreão acometidos de um forte ataque de tosse)*.

O SR. PRESIDENTE. — e de coração derijo um voto especial de agradecimento aos Srs. Dr. Semana e Bazar Volante.

Está aberta a sessão.

(Muito bem, muito bem; o Sr. Presidente é cumprimentado por seus numerosos amigos, beijado e abraçado pelas Senhoras.)

DR. SEMANA. — Peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE. — Tem a palavra o Sr. Dr. Semana.

DR. SEMANA. — Sr. Presidente, eu concebo, concebi, e tenho concebido....

UMA VOZ. — Quando será o bom successo?

(Risadas nas galerias, as senhoras murmurão, o Sr. Presidente reclama attenção.)

DR. SEMANA. — Sr. Presidente. *(entra uma commissão composta de duzentos cocheiros e um a um depositão seus requerimentos sobre a mesa.)* E' isto! Não ha quem não se julgue com direito de perturbar os discursos! Nada mais facil é *um pão por um olho*.

O SR. PRESIDENTE. — O termo não é parlamentar. Estando já adiantada a hora addio a discussão para a proxima sessão e levanto a presente.

O Tachigrapho, MINJABEM ERTTIBOLA.

Resposta ingleza.

SONETO.

Se te achasses, mylord, recostado
Nos fôfos coxins da vã riqueza
E qual Venus o symbolo da belleza,
Tua esposa guardasses a teu lado,

Entrasse fogoso e mais que ousado
Um ebrio de amor de tal firmeza,
Que apaixonado talvez por tua deusa,
Te pozesse o caldo *transornado*?

Cuspindo sem piedade em tua face,
E agarrando ferozmente a tua amada
O candido pudor lhe desbotasse?

O que fazias, mylord, em tal *alhada*,
Se por tão cruel desgosto assim passasse?
« Com dinherro my honra é contestada! »

B. L.

Rio de Janeiro.

Typographia Portugal e Brasil, rua d'Assembléa n. 54.



UM FUTURO VERDI